

Bracher reafirma que Brasil fechará acordo

Ao contrário das notícias publicadas, ontem, por um jornal local, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, afirmou que o Brasil conseguirá fechar, até o início da próxima semana um acordo com os bancos credores privados dos Estados Unidos, rolando os US\$ 14,7 bilhões em amortizações dos projetos 85 e 86, com vencimento previsto para este ano. Após negociar com os americanos, Bracher vai conversar com os credores do Clube de Paris, na França.

Bem humorado Bracher disse estar procurando "o romancista que elaborou o enredo", segundo o qual o Brasil está sendo infeliz na renegociação da dívida externa, não conseguindo dobrar os bancos privados americanos em dois itens: redução do "spread", ou taxas de risco, e transferência, para o Brasil, do fôro das futuras negociações.

"As negociações seguem normalmente", disse. "Elas foram suspensas segunda-feira, porque era feriado nos Estados Unidos", acrescentou, irônico. "Os entendimentos prosseguem com os americanos, havendo a possibilidade de uma redução do "spread" (hoje cobrado dois pontos acima da libor)". E concluiu: "As discussões se concentram somente quanto ao nível de redução da taxa de risco".

Segundo o presidente do Banco Central, estão sendo negociados itens por itens da pauta da reunião, reafirmando que os prazos para pagamento da dívida já foram fixados quando de sua ida aos Estados Unidos.

Mostrando-se confiante no desfecho final das negociações — que pode acontecer entre o final desta e o início da próxima semana — Fernão Bracher não considera impossível a possibilidade do fôro ser transferido para o Brasil.

Em NY

Segundo notícias de Nova Iorque,

foram reiniciadas ontem as conversações entre uma delegação brasileira e os bancos internacionais credores, sem que qualquer das partes indicasse em que nível estão as negociações. A delegação brasileira é liderada por Antônio Seixas, do Banco Central, e o comitê bancário tem como seu representante William Rhodes, do Citibank de Nova Iorque. Os dois já se tinham reunido semana passada.

O comitê integrado por 14 bancos representa os 700 bancos comerciais de todo o mundo credores do Brasil, que têm uma dívida externa de US\$ 103 bilhões.

No mês passado, circulou a informação de que as duas partes tinham chegado a um acordo sobre o esboço de um possível acerto para um dilatamento no prazo para o pagamento do equivalente a US\$ 16 bilhões até março de 1987. Comentou-se, na época, que tinham acertado um prazo até o próximo dia 15 para formalizar este acordo.

Fontes bancárias comentaram que nas últimas semanas a queda do preço do petróleo mundial tinha sido um fator favorável ao Brasil, que importa o produto, mas que o aumento da inflação para a casa dos 16,2% foi um fator negativo.

Além disso é uma incógnita o possível impacto das declarações do ministro da Fazenda brasileira, Dilson Funaro, no sentido de que o Brasil já não precisa mais do aval do FMI para negociar suas dívidas com bancos estrangeiros.

Ainda de acordo com as fontes bancárias, o Brasil provavelmente não vai precisar este ano de recorrer ao FMI, mas se precisar em 1987 os bancos continuarão insistindo em que o Fundo dê seu aval como condição para os empresários.

20 FEV 1986

JORNAL DE BRASILIA